Analise de complexidade do artigo – “25 épicos anos de competitividade”
Aluno Marcelo Leandro de Borba – Doutorando do EGC
Disciplina – Complexidade e Conhecimento da sociedade em redes

O artigo apresentado discute questões relativas ao crescimento econômico e a competividades nas últimas duas décadas e meia. Busca em poucas palavras apresentar o pensamento sistêmico para temas da economia global. E a abordagem utiliza o crescimento da competitividade entre os países para estabelecer as comparações necessárias.

Os 25 anos de estudo apresentaram importantes questões como o fim do comunismo bem como a entrada de países emergentes na economia/comércio mundial.

A autora destaca no mapa da globalização econômica toda a complexidade envolvida. E destaca uma questão relevante “estamos evoluindo de um conceito (fabricado em algum lugar) para (fabricado no mundo)”. Não havendo necessidade de identidade de um país, mas sim uma marca confiável.

Para fechar o pensamento sistêmico o destaque está na questão que a competitividade ocorrerá mais com relação a inovação e não mais em produção barata.

12/04/2013 VALOR ECONÔMICO

25 épicos anos de competitividade

Por **Stéphane Garelli**

O Centro de Competitividade Mundial do IMD publicou seu primeiro relatório sobre o assunto há 25 anos. Desde então, a economia mundial sofreu algumas das mudanças mais dramáticas na história. Durante a era comunista, metade do mundo estava fechada para a globalização e administrada por economias centralizadas e planejadas. Transporte, comunicação e logística eram atrasados. As pessoas não podiam viajar, o padrão de vida estava em "frangalhos" e a transparência era um conceito estranhíssimo.

De repente, esses países - antes congelados no tempo - entraram para o mundo da competitividade. Foi um belo tiro para a economia mundial, uma revolução incrível. No entanto, provavelmente, foi um evento único.

Em 1989, a grande maioria dos países estava aderindo à economia global e os custos da mão de obra giravam entre US$ 1 e US$ 3 por hora. Entre as economias mais baratas, a China e Índia tinham custos que eram um vigésimo do praticado no ocidente - além disso, não faziam greves. Essa diferença levou a um boom de terceirização internacional, com as economias avançadas buscando economizar nas emergentes.

Os preços dos bens comercializáveis, como carros, telefones e computadores, caíram, pois ficou mais barato produzir "em outro lugar". Como resultado, a inflação nas economias avançadas quase desapareceu.

Enquanto as economias emergentes exportavam e desfrutavam de superávits comerciais, porém, os países mais ricos enfrentavam a desindustrialização e o aumento do desemprego estrutural. Nos últimos 20 anos, os EUA, Grã-Bretanha e Japão perderam cerca de 20% de sua indústria cada um, em termos de percentagem do Produto Interno Bruto (PIB). Apenas a Alemanha contrariou esta tendência com um modelo de negócio que ainda depende da produção e exportação. A taxa de desemprego nos EUA é agora de 7,7%; e na Europa, é de 11,9%. Taxas de desemprego jovem (16 a 24 anos) são duas vezes mais altas.

A tendência está se revertendo lentamente. O custo da mão de obra na China e Índia está aumentando cerca de 25% ao ano e multinacionais estão redescobrindo as virtudes de uma cadeia de suprimentos menor e mais confiável. A volta das empresas ao seu país de origem está em alta - a General Electric está tirando a linha de produção de alguns eletrodomésticos da China e abrindo uma fábrica em Louisville, Kentucky, Estados Unidos -, mas poucos empregos serão criados, pois provavelmente as fábricas serão altamente automatizadas.

Agora, fica a questão: em uma economia descentralizada e global, qual é o país de origem de um produto montado em diversos locais? Estamos evoluindo de um conceito "fabricado em algum lugar" para "fabricado no mundo".

Congelar o custo da mão de obra também significou congelar rendimentos e padrões de vida. Em 1989, a proporção de padrões de vida entre países emergentes e economias avançadas era cerca de 1 a 50, expressa em PIB per capita. Então, o círculo virtuoso do capitalismo entrou em ação: maiores salários aumentaram a renda e padrões de vida e criaram economias de alto crescimento.

Consequentemente, o consumo privado disparou. Porém, ainda não representa a mesma proporção do PIB das economias avançadas (cerca de dois terços) e, portanto, o potencial de crescimento ainda é grande.

Centenas de milhões de pessoas ingressaram na classe média global, enquanto o mesmo número está saindo da pobreza absoluta, e precisarão de produtos dedicados (como veículos baratíssimos e dinheiro móvel). O aumento da renda promove um maior sentido de individualismo e coloca mais pressão sobre a governança pública e privada. Em diversas economias emergentes, no entanto, a ênfase permanece na criação da riqueza pessoal e não no envolvimento político. No momento, portanto, esses países permanecem relativamente estáveis, embora questões ambientais provoquem um nível maior de ativismo da população.

O rápido crescimento de rendimentos, maior consumo e alta dos preços das matérias-primas também desencadeiam um risco endêmico de inflação em países como China, Rússia e Índia. Outro fator de risco é a rápida expansão do crédito pessoal, que está crescendo mais de 20% ao ano na Turquia e Ásia.

A melhora nos padrões de vida nos últimos 25 anos beneficiou muitas marcas ocidentais, como de bens de luxo, que representam prestígio e realização pessoal. Nos próximos anos veremos mais marcas de consumo provenientes de economias emergentes se tornarem globais. O mundo vai descobrir novos nomes e produtos, uma tendência que pode não ser muito confortável para as marcas ocidentais.

Hoje há pouquíssimos países ainda fechados para a competitividade mundial, como a Coreia do Norte, Mianmar, Cuba e Irã. Mas mesmo que se abrissem totalmente, nenhum remodelaria a competitividade global como a geração pós-1989 fez. Na

medida em que o mercado global migra de um de "primeira compra" a um de "compra de peças de reposição", a competitividade irá se desenvolver mais lentamente.

O crescimento dependerá mais da inovação tecnológica e de habilidades do que do acesso à produção barata em terras desconhecidas. Isto implicará em um prazo mais longo para se ver resultados, e em uma nova mentalidade. Como colocou o escritor francês Paul Valéry: "O problema com a nossa época é que o futuro não é o que costumava ser...". Os últimos 25 anos de competitividade foram excepcionais, até mesmo épicos. Mas agora devemos virar a página e trabalhar um "novo normal".

Stéphane Garelli é professor e diretor do Centro de Competitividade do IMD e leciona no Orchestrating Winning Performance.